

ESCOLAS OCUPADAS EM PELOTAS E UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA DOS APRENDIZADOS DA ACADEMIA

VANESSA BEZERRA DIAS¹; **GREICE SCHWANKE PEIL**²; **RITA CÓSSIO RODRIGUEZ**³

¹*Universidade Federal de Pelotas – vanessabd.dias@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – schwanke.greice@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – rita.cossio@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Os artrópodes encontram-se nos mais diversos ecossistemas terrestres e aquáticos, e apresentam importantes funções nestes locais (BARNES; FOX; BARNES, 2005), entre as quais, podem destacar-se: participação na herbivoria, predação e decomposição, em eventos de polinização, dispersão de sementes, controle de populações (GERLACH; SAMWAYS; PRYKE, 2013; PODGAISKI; MENDOÇA; PILLAR, 2011).

Esse importante papel dos artrópodes não é observado pela população em geral. A maioria apenas consegue vislumbrar os malefícios dos pequenos seres vivos, e muitas vezes, quando percebe algum deles, logo encontra uma forma de eliminá-lo. Portanto como educadores devemos desenvolver o conhecimento sobre a importância desses seres vivos no meio ambiente, e trabalhar os seus benefícios. Com o objetivo de trabalhar o tema, foi escolhido desenvolver um trabalho sobre a classe insecta, com alunos da rede básica de ensino. As atividades a serem executadas com os alunos, foram planejadas de maneira informal e prática, a fim de oportunizar aos alunos um contato com os insetos, tornando a aprendizagem mais significativa. As aulas práticas consistem em uma alternativa para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, pois o aluno entra em contato com o objeto de estudo e pode se tornar sujeito ativo (FRANCALANZA et al., 1987; SILVA; PEIXOTO, 2003).

Nesse sentido, o presente trabalho relata a prática desenvolvida, que objetivou demonstrar aos alunos algumas características sobre os insetos e abordar a importância dos mesmos para o meio ambiente, através de uma atividade prática. Esta atividade ocorreu num período de greve dos professores e ocupação das escolas, pelos estudantes, assim para preencher o tempo nas escolas, os alunos resolveram organizar as ocupações para que se tornassem um espaço de aprendizado, de maneira mais descontraída.

2. METODOLOGIA

O planejamento das atividades apresentava uma demanda de 5 aulas, a serem desenvolvidas com uma turma do ensino médio. Porém em virtude da greve escolar e da ocupação das escolas pelos alunos, as atividades foram repensadas e reduzidas a um encontro. A atividade foi desenvolvida em uma escola estadual da cidade de Pelotas, com alunos que estavam ocupando a escola. Participaram da oficina sete alunos, entre 13 e 19 anos, pertencentes ao oitavo e nono ano do ensino fundamental, e ao 2º e 3º ano do médio. Em virtude destas diferenças, houve a necessidade de adequação da atividade a ser desenvolvida, a fim de ser proveitosa e significativa para todos os alunos presentes.

O desenvolvimento da oficina foi planejado de modo descontraído, como uma conversa, a fim de propiciar a participação dos alunos. Como última tarefa foi proposto uma atividade prática, através da demonstração de vários insetos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos com uma apresentação e uma conversa sobre as ocupações, questionando os alunos de como surgiu a ideia de ocupar o colégio, se houve alguém contra as ocupações, enfim a intenção era saber um pouco mais sobre a realidade deles, e ao mesmo tempo, tornar o momento mais informal, tornando-nos mais próximos dos alunos.

Conforme o site G1 (2016), as ocupações tiveram início em São Paulo, por volta do dia 13 de maio de 2016. O movimento surgiu em apoio a greve de alguns professores do estado e em luta por uma educação melhor e de qualidade. Segundo o G1 (2016), a cidade de Pelotas teve uma das maiores adesões, do estado do Rio Grande do Sul. Conforme o sindicato dos professores, 70% das escolas estavam paralisadas na cidade. O G1 (2016), também divulgou que no Colégio Assis Brasil, “a maior escola pública da cidade, onde estudam cerca de 1,9 mil alunos, foi ocupada pelos estudantes, que pedem melhores condições de estrutura”.

No momento da conversa sobre as ocupações, os alunos relataram que o período de ocupação, estava sendo bem significativo, visto que experenciaram outra forma de aprender, a partir da participação em diversas oficinas, que foram ministradas por pessoas de fora da escola, além de se sentirem autônomos, eles agendavam as oficinas, arrumavam os locais das oficinas, etc. Os alunos foram questionados sobre diferenças entre as oficinas que estavam sendo realizadas nas escolas e as aulas do período letivo, e como respostas obtiveram-se: “as oficinas são mais dinâmicas e interativas, por isso estamos aprendendo mais com elas e as aulas são monótonas e chatas”, “quem vem aqui para fazer uma oficina planeja e está com vontade de fazer, de estar aqui na escola”.

A partir das respostas, é perceptível que os alunos se sentem melhor nas oficinas do que no cotidiano da escola, provavelmente isso ocorra por que eles se sentem atuantes daquele espaço, é um local, onde neste momento, eles possuem voz e podem tomar decisões. Sendo assim, podemos perceber que ensinar vai muito além do conteúdo, exige interação, pois não há como deixar de lado as relações humanas. Portanto “ensinar é desencadear um programa de interações com um grupo de alunos, a fim de atingir determinados objetivos educativos relativos à aprendizagem de conhecimentos e socialização” (TARDIF, 2014, p. 118). Para que esta interação fosse possível, desenvolvemos essa conversa sobre as ocupações, a fim de conhecer um pouco sobre o movimento, valorizar a ocupação e os objetivos dos alunos, além de promover uma aproximação dos alunos participante da oficina.

Segundo Demo,

O problema principal não está no aluno, mas na recuperação da competência do professor, vítima de todas as mazelas do sistema, desde a precariedade da formação original, a dificuldade de capacitação permanente adequada, até a desvalorização profissional extrema, em particular na educação básica (DEMO, 2015, p. 2).

Muitos professores defendem a ideia de que é necessário somente despejar o conteúdo. Para Tardif (2014, p. 121), alguns professores, “acreditam que basta

entrar numa sala de aula e abrir a boca para saber ensinar, como se houvesse uma espécie de causalidade mágica entre ensinar e fazer aprender”.

Muito provável, que este seja o problema de muitos professores, que a muitos anos apresentam o mesmo modo de trabalho, com uma metodologia atrasada e cansativa para os alunos, tornando as aulas “monótonas e chatas”. É como afirma Demo (2015), “saber construir conhecimento não é copiar, não é reproduzir”.

Durante a conversa, também comentou-se sobre a aceitação do movimento, como ocorreu o início da mobilização, qual a reação dos professores e colegas de aula. Os alunos relataram que sofreram forte pressão para acabar com as ocupações e que desde o início, haviam pessoas do colégio contra o movimento, mas mesmo assim decidiram realizar a ocupação. Quanto ao início da mobilização relatou-se: “para fazermos as ocupações tivemos alguns problemas com professores que não estavam querendo deixar, pois queriam dar aula. Fizemos uma reunião, que foi muito difícil, alguns saíram chorando da sala, por causa da resistência de alguns e do modo de falar de alguns professores”, “essa ideia partiu do grêmio estudantil e de alguns outros alunos, mas o pessoal do grêmio acabou desistindo, só uma menina que vem de vez em quando pra cá agora”. Segundo os alunos, alguns professores realizaram forte pressão para que não houvesse ocupação, e o grêmio estudantil que deveria estar a frente, acabou desistindo do movimento.

A oficina foi desenvolvida no dia 17 de julho, uma sexta-feira à tarde, e as ocupações se enceraram no dia 20. No facebook do grêmio estudantil da escola, os alunos postaram o seguinte:

É com um certo pesar e ao mesmo tempo sensação de dever cumprido que, após 32 dias de ocupação, deixamos nosso Colégio nesta segunda-feira (20/06/2016), sendo um dos últimos Colégios de Pelotas a desocupar. Dentro da ocupação nós aprendemos muitas coisas, aprendemos a conviver melhor com nossos colegas, a respeitar ainda mais os professores e o colégio, e, principalmente, a lutar por nossos direitos. Espero que tenhamos mostrado nesses 32 dias de ocupação que a juventude não está acomodada e não vai ficar calada. Além disso, temos que ressaltar que a luta dos estudantes continua, afinal, não esquecemos que a votação da PL44 foi apenas adiada, e não vetada. Também devemos lembrar que a greve dos professores continua, por tanto, as aulas ainda não voltarão (<https://www.facebook.com/GECassiano/>, 2016).

Posterior ao assunto da ocupação do colégio deu-se início ao conteúdo, a partir de uma conversa sobre os Artrópodes: perguntou-se quais eram os animais que pertenciam a este filo e ao longo da conversa fomos direcionando para a Classe Insecta. Após foi apresentado um vídeo, que se mostrou pouco cansativo, levando a desatenção dos alunos, por tanto, deveria ser cido melhor planejado.

Após foi realizada uma conversa sobre algumas características corporais dos insetos com auxílio da apresentação em powerpoint. Esta etapa iniciou-se com um jogo de erros a partir de uma imagem, os alunos deviam identificar os animais que não pertenciam aos insetos. Os alunos participaram desta etapa fazendo perguntas como, “para que servem os ocelos?”, “os balancins são asas?”, etc.

Para concluir, apresentamos a caixa entomológica e insetos conservados em álcool, foram comentadas características dos insetos e algumas diferenças entre eles. Este foi o momento de maior participação e interação dos alunos, onde mostraram maior interesse. Eles observaram os insetos, realizaram perguntas e demonstraram curiosidades.

Para finalizar a oficina, os alunos responderam um questionário sobre o desenvolvimento das atividades, a partir das respostas, foi possível perceber que os

alunos gostaram da atividade, e que a parte prática foi a mais significativa. O vídeo apresentado e identificado por nós como estafante, não foi visto desta forma pelos alunos, é provável que eles tenham entendido que necessitavam das informações para compreender o conteúdo.

4. CONCLUSÕES

Notamos no decorrer da atividade que os alunos aproveitaram, aprenderam, participaram e se interessaram pelos diversos momentos de construção e exposição do conteúdo. Percebemos a importância da junção da teoria e da prática, para podermos visualizar, tocar e sentir, unindo as duas para que a teoria fizesse sentido e fosse melhor entendida. Por esse motivo este foi o momento mais citado pelos alunos no questionário.

Os alunos que estavam presentes no momento da ocupação, como já mencionado, queriam estar ali e por esse motivo se sentiam atores, construtores e ativos, agindo completamente diferente do período letivo, isso mostra a importância do aluno ser mais valorizado e possuir uma autonomia maior no espaço escolar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARNES, E.E.; FOX, R.S.; BARNES, R.D. **Zoologia dos Invertebrados**. São Paulo: Roca, 2005.
- DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Autores Associados. 2015.
- FRANCALANZA, H.; AMARAL, I.A.; GOUVEIA, M.S.F. et al. **O Ensino de Ciências no 1º grau**. São Paulo: Atual. 1987.
- GERLACH, J.; SAMWAYS, M.; PRYKE, J. Terrestrial invertebrates as bioindicators: na overview of available taxonomic groups. **Journal of Insect Conservation**, v. 17, n. 20 p. 831-850, 2013.
- PODGAISKI, L.R.; MENDONÇA, M.S.; PILLAR, V.D. O uso de Atributos Funcionais de Invertebrados terrestres na Ecologia: o que, como e por quê? **Oecologia Australis**, v. 15, n. 4, p. 835-853, 2011.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014.
- G1. **Greve dos professores no RS chega ao 2º dia com escolas ocupadas**. Globo.com. Acesso em 25 jun. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/05/greve-dos-professores-no-rs-chega-ao-2-dia-com-escolas-ocupadas.html>
- Grêmio Estudantil Cassiano. Acesso em 26 jun. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/GECassiano/>
- SILVA, F. W. O; PEIXOTO, M. A. N. Os laboratórios de ciências nas escolas estaduais de nível médio de Belo Horizonte. **Educação & Tecnologia**, Belo Horizonte, v.8, n.1, p.27-33, 2003.